

Americanos estão divididos

Roberto Garcia
Correspondente

Washington — O Departamento de Estado foi surpreendido ontem pela erupção de novas resistências dentro do governo americano à forma como vem tentando coordenar as negociações sobre informática com o Brasil. As resistências de outros Ministérios à liderança da política externa pelo Departamento de Estado estão virando rotina nas últimas semanas.

No episódio da informática, outros organismos do governo dos Estados Unidos estão claramente descontentes com a falta de avanços palpáveis nas negociações com o governo brasileiro. Eles reclamam da lentidão com que Brasília vem tratando uma reivindicação importante de Washington, recusando-se a negociar seriamente, adiando sucessivamente discussões sobre o tema, evitando nomear interlocutores com autoridade para discutir todos os aspectos da questão da informática. O último incidente ocorreu quando o Brasil fez sondagens para a nomeação do secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores, Paulo Tarso Flexa de Lima para chefiar a delegação brasileira em discussões de nível técnico que deverão ser realizadas no dia 2 de julho, em Paris. O fato de Paulo de Tarso não ser titular do Ministério e, portanto, não ter o mesmo nível do chefe da delegação americana, foi visto por alguns organismos americanos como demonstração de falta de vontade brasileira de negociar seriamente.

Os focos de oposição à lei de informática acenam com barreiras à aprovação de dois empréstimos recordistas que o Brasil espera obter antes do encerramento do atual exercício financeiro do Banco Mundial. Embora não conte com consenso de países europeus para impedir a aprovação do projeto, o represen-

tante americano na diretoria daquele banco poderia pedir vista da respectiva documentação, impedindo sua aprovação neste exercício. Como a partir de julho o atual presidente do Banco Mundial, Alden Clausen será sucedido por Barber Conable, a transição poderia atrasar ainda mais a liberação de recursos essenciais para o Brasil.

Segundo diplomatas brasileiros, a vinculação entre a informática e outros temas do relacionamento entre os dois países nunca foi feita oficialmente. Apesar disso, essa vinculação freqüentemente é classificada por funcionários de ministérios americanos como óbvia e compreensível. Eles explicam que num clima de compreensão no mais alto nível na liderança dos dois países os interesses de grupos particulares ou mesmo de organismos governamentais ficam subordinados.

No caso das relações entre os Estados Unidos e o Brasil, ocorreu um vácuo de liderança nos últimos tempos. Os Estados Unidos estão sem um embaixador em Brasília há vários meses. O encarregado de assuntos latino-americanos no Departamento de Estado não entende as questões brasileiras e está totalmente absorvido com o conflito na América Central. Num esforço para preencher esse vácuo, o imediato de Shultz, John Whitehead, visitou o Brasil recentemente e deixou claro que assumiria a supervisão das questões brasileiras.

Tendo em vista as emoções profundas geradas nos dois países pelo tema da informática, Whitehead teria deixado claro aos seus interlocutores em Brasília que entende a necessidade de que cada um dos dois governos conte com um comissário político capaz de controlar sua própria burocracia. Aparentemente, desde que chegou de volta da viagem a Brasília, Whitehead vem se esforçando para assumir esse papel de comissário político.